INTRODUÇÃO

Olhar a Pan-Amazônia a partir de seu capital social é uma iniciativa inédita e que pode proporcionar um novo ponto de vista sobre os esforços de manutenção do bioma.

A base de participantes que receberam a pesquisa que deu origem à essa análise foi composta não só a partir dos contatos do Fundo Vale, mas contou também com a mobilização das redes AVINA, Ashoka e Lead. Ao todo, contando com a fase de entrevistas realizadas em complemento ao questionário, obtivemos 350 respostas.

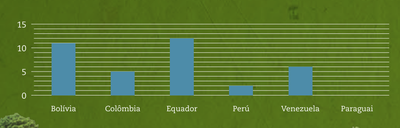
Assim, mesmo que bastante significativo, o volume de dados reunidos é relativo, de forma que as leituras e inferências aqui mencionadas traduzem o contexto deste grupo específico de respondentes, devendo ser visto como um protótipo de representação da realidade local.

Tomamos o cuidado de ressaltar os campos que apresentaram relevância em relação ao volume de dados obtidos nesta pesquisa, portanto, qualquer leitura crítica deve ser realizada tendo como premissa estes dados.

ORIGEM DAS RESPOSTAS

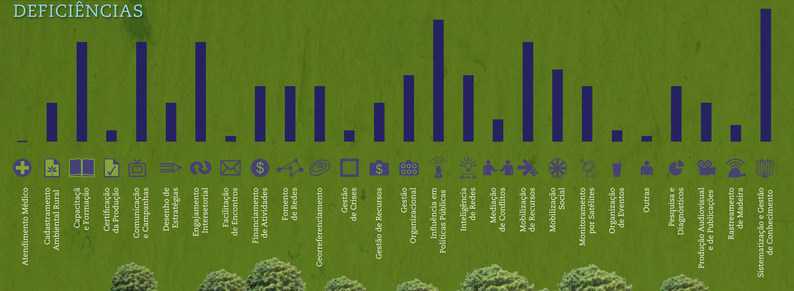
SETOR DAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES

DIVISÃO DAS RESPOSTAS POR ESTADOS (BR) E PAÍSES



EXPERTISE - CAPACIDADE INSTALADA

EXPERTISE - DEFICIÊNCIAS



1 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

A Análise de redes sociais lê as relações sociais com base na teoria de redes, considerando nós (representativos dos indivíduos dentro da rede) e links (que representam as relações entre os indivíduos). As redes são representadas em um diagrama, onde os nós são representados como pontos e laços são representados como linhas. Os softwares que geram esses grafos possuem também uma série de ferramentas de medição e interpretação. Essas ferramentas nos permitem ver: distribuição, dinâmicas de influência, centralidade de atores, densidade da rede, distância, entre outros.

A análise de redes tem a mesma capacidade em uma rede do que um exame avançado de imagem tem para o corpo humano: enxergar o funcionamento do organismo, seus padrões metabólicos. Através dela é possível mapear fluxos de informação entre pessoas e assim identificar pontos de confluência, gargalos e, principalmente, padrões de liderança. Acima de tudo, através da análise de redes é possível enxergar o Capital Social da rede e seus pontos de acupuntura.

1.1 ESTRUTURA DA REDE

Quantas redes você enxerga dentro dessa 2? Olhe não só para as pequenas redes desconectadas na periferia, como também para subgrupos menores dentro dos clusters maiores e mais densos.

No cluster maior há uma aglomeração que se aproxima muito de um padrão mais centralizado, e que se descentraliza conforme se aproxima da periferia da rede. Há uma outra subrrede abaixo desse grande cluster mais denso que tem características mais puras de descentralização.

1.2 DENSIDADE

A densidade de uma rede é a relação entre o total de vínculos presentes com a quantidade de vínculos possíveis. A densidade não deve ser vista de forma isolada, mas sim de forma circunstancial. Uma coisa é um mapeamento em um sistema semi-fechado, como uma empresa.

No caso desse estudo, por se tratar de um ambiente disperso e não reconhecido formalmente, localizado em uma zona territorial muito grande, a densidade não diz muita coisa. Porém, apenas como constatação, temos 708 pessoas, com 806 links.

708 pessoas

806 links

1.3 DISTÂNCIA

8.2 NÓS

Número mínimo de links necessários para conectar dois indivíduos. A distância média detectada nesse estudo foi de 8.2. Essa métrica independe do número de nós isolados e que justificam uma baixa densidade. É um número bastante alto que indica baixa conectividade, inversamente proporcional ao potencial colaborativo da rede.

1.4 LOCALIZAÇÃO DE UM NÓ NA REDE | CENTRALIDADE

A localização de uma pessoa na rede é determinada por dois fatores principais: a quantidade de links que a ligam a outros nós e também a quem está conectada. Se um nó é pouco conectado, ou seja, se na pesquisa menciona poucas pessoas ou é pouco mencionado, o natural é que seja posicionado de forma mais periférica. Se essas poucas conexões existentes, porém, se derem com outras pessoas altamente conectadas e que exercem um grau elevado de influência na rede, a tendência é a de que sejam puxadas para dentro. A localização é importante para a determinação de clusters ou subrredes, mas o fato de uma pessoa ser mais ou menos central não significa que ela seja mais ou menos influente.

1.5 CAPACIDADE DE INFLUÊNCIA

Links de rede se formam a partir de dois tipos de motivação:

INTERESSE — Laços que se formam por interesse são pouco perenes e mais comuns em redes que têm espaço e tempo de existência definidos, como é o caso de uma campanha.

CONFIANÇA — Os laços mais perenes, que sustentam a existência de uma rede ao longo do tempo são aqueles que se dão por confiança.

A capacidade de influência de uma pessoa se manifesta nesses dois tipos de relação. Na primeira, se dá em um função de um saber ou competência que ajudam pessoas a tomarem algum tipo de decisão. Já nas relações de confiança, se dão pelo compartilhar de valores.

Influência também se dá de formas diferentes, ou seja, pessoas representam papéis diferentes dentro de uma rede, sendo capazes de exercer tarefas diferentes para a mobilização, construção estratégica etc. Consideramos três arquétipos os quais, juntos, são capazes de movimentar a rede em sua totalidade: hubs, pulsetakers, gatekeepers.

HUB

Diretamente conectados com muitos. Indispensáveis na manutenção do fluxo de informações. Alto nível de confiança. Os outros sabem o que esperar deles. Alto grau de centralidade.

Uma rede altamente colaborativa é sempre repleta de hubs, indispensáveis para a troca de informações. Quanto maior a sua capacidade de influência, maior também a auto-capacidade de mobilização e também a possibilidade de existência de sinergias. A existência de poucos hubs que não têm uma grande capacidade de influência, caso de rede estudada, é reflexo de um fluxo de informações muito pobre. Mesmo que concentrados no núcleo maior e mais denso, a baixa capacidade desses hubs mostra que não há indícios de que esses atores estejam trabalhando juntos para o mesmo objetivo, mas sim que estejam co-existindo ou coordenando ações, evitando assim sobreposição e atritos.

GATEKEEPERS

Conectam diferentes partes da rede. Controlam o fluxo de informações e contatos para um ponto específico da rede. Geralmente conscientes de seu papel. Por esse controle, tendem a tornar-se indispensáveis. Podem ou não ajudar o fluxo de informações. Podem obstruir ou facilitar mudanças. Podem ser gargalos ou multiplicadores de informações.

A existência de muitos gatekeepers influentes significa a existência de uma rede fragmentada, e confirma o baixo fluxo de informações evidenciado pela baixa presença de hubs. O controle consciente da passagem de informações reflete um exercício também consciente do poder de influência e fragmenta opiniões e vetores de vontade na rede. Essa característica mostra uma rede da na qual pessoas e organizações procuram coexistir, respeitando o espaço umas das outras. Não há evidências de um ambiente colaborativo e mesmo o núcleo mais denso tem indícios de uma alta concentração de poder.

PULSETAKERS

Maior número de conexões indiretas na rede. Conectados com todos na rede pelo número mais curto de caminhos. Pouco visíveis, mas veem tudo. Sabem o que todos estão dizendo e fazendo. Cultivam relacionamentos que lhes permitem monitorar a saúde e a direção da organização. Mantêm e usam com freqüência conexões relativamente esparsas mas bastante diversas. Informalmente reconhecidas por serem as primeiras a perceber as mudanças.

Normalmente pulsetakers estão distribuídos por toda a rede, tendo o importante papel de conectar a periferia ao centro da rede e também não isolados. O estudo mostrou uma baixa presença de pulsetakers, concentrados em sua grande maioria no núcleo mais denso da rede e distribuídos em pequenos clusters, todos eles controlados por gatekeepers. Essa característica indica que a pouca colaboração existente se dá em pequenos grupos de afinidade.

1.6 CONCLUSÕES

1. Há um padrão bastante evidente e significativo de controle, com alguns atores exercendo sua influência de modo a tornar a rede centralizada. Esse padrão faz com que a fluência de informações seja muito baixa, assim como o potencial de colaboração na metarrede. Esse padrão não se repete, entretanto, nas subrredes.

2. As métricas utilizadas indicam também um baixo nível de confiança na metarrede, com as ações conjuntas permeando um padrão de coexistência e, no máximo coordenação de atividades na metarrede. Como observado anteriormente, esse cenário muda um pouco quando olhamos a rede através de clusters, mas é altamente restritivo para uma cultura de inovação, na medida em que o conhecimento e informação são tratados de forma restritiva e controlada.

3. O Indicador de não resposta é significativo para compreender a possibilidade de expansão da rede. Vimos que há muitos nós isolados, até formando pequenos clusters periféricos, que devem ser considerados em uma eventual ação de ganho de escala. Esse cenário deve mudar bastante em um segundo estudo, na medida em que a primeira experiência garante uma apropriação maior da metodologia e suas possibilidades por parte dos participantes.

4. Há várias dimensões possíveis de sinergia e troca entre atores da rede: capital humano, capital social e capital intelectual. A maior força dessa rede está no capital humano, ou seja, no conhecimento isolado de seus nós. Em outras palavras, conhecimento aqui é determinante de status. O padrão de centralização e o número de gatekeepers indicam que esse conhecimento é muito regulado, portanto a simples criação de espaços de troca não garante que ela vá efetivamente ocorrer.

CONFIANÇA

CO-EXISTÊNCIA	CO-OPERAÇÃO	CO-ORDENAÇÃO	COLABORAÇÃO	CO-PROPRIEDADE
Fica na sua que eu fico na minha	Te ajudo assim que terminar o que estou fazendo	Ajuste de ações para evitar sobreposição e confusão.	Vamos trabalhar nisso juntos	Nos sentimos totalmente responsáveis.

REDES COLABORATIVAS

A motivação de uma pessoa para colaborar é muito semelhante à motivação que a leva a atuar em rede: valores ou interesses compartilhados. Quando valores são compartilhados, a colaboração flui melhor, uma vez que não se espera nada em troca. Quando o motivador é o interesse, a relação adquire um caráter transacional. Mesmo que com nuances muito distintas, ambas as origens são válidas.

Importante é termos em conta que, em uma rede colaborativa, pessoas estão conectadas não em torno de uma idéia ou ideal, mas de um objetivo comum. Seja por valores ou interesses comuns, colaboração exige confiança e acontece em vários níveis, como mostra o diagrama acima.

2 ANÁLISE SEMÂNTICA

Em linguística, análise semântica é o processo de relacionar estruturas sintáticas, a partir dos níveis de frases, orações, frases e parágrafos ao nível da escrita como um todo. Através dela é possível a identificação de características específicas de determinados contextos lingüísticos, com a finalidade de entender elementos culturais. Também os elementos da linguagem e da fala figurativa, muitas vezes são também convertidos em significados relativamente invariantes na análise semântica.

2.1 CATEGORIAS

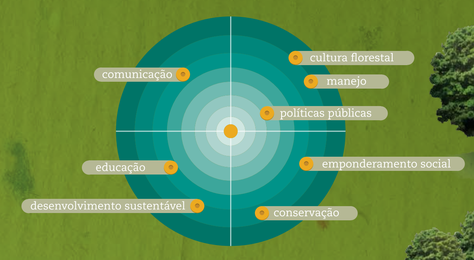
Foram identificadas 23 categorias comuns entre os dois grupos analisados que configuram o campo de diálogo e interesses nas ações empreendidas na Pan-Amazônia e mais duas categorias exclusiva dos sites, à saber:

Ações de financiamento;
Incentivo ao Agronegócio;

Cada um dos indivíduos e organizações que foram analisados (139 respostas do questionário e 81 sites) estão taggeados em uma ou mais categorias de acordo com a análise dos textos. A partir de análises estatística multivariada foi possível estabelecer uma visão de como dialogam e quais são os pontos de convergência e divergência entre indivíduos ou grupos deles.

2.2 CLUSTERS

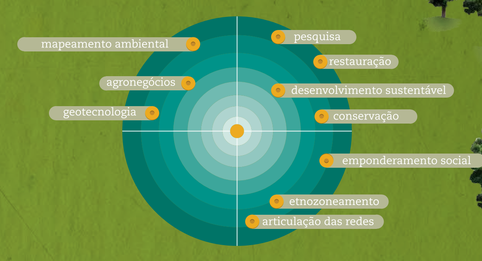
Através de uma análise relacional das categorias, a partir dos indivíduos que as representam, notamos também uma dispersão espacial onde, aqueles que expressam uma determinada ideia não estão em "sintonia" com as demais. Aqui é possível perceber as categorias que, a priore, deveriam conversar ou representar um cluster, por sua definição e natureza, não estão dialogando, a exemplo de "manejo" e "conservação". As demais categorias não representadas no gráfico, tiveram um grau de dispersão sem relevância frente às categorias de maior destaque. Identificamos aqui bons terrenos para aprofundamento de pesquisas. Perceber a dicotomia nestas expressões pode abrir campos de conversa produtivos nos contextos das categorias individualmente.



No caso das apresentações institucionais na www, temos um contexto bem diferente quanto à relevância da análise, categorias e agrupamentos. O ponto principal deste estudo fica por conta da definição bem clara de quatro agrupamentos principais, como segue:

- Empoderamento sócio-regional e conservação;
- Incentivo ao agronegócio e serviços de geotecnologia;
- Ações de restauração e ações de pesquisa;
- Ações de etnozoneamento e articulação de redes;

Por se tratarem de organizações formais e tendo em vista a natureza dos textos presentes no sites, é natural que as informações sejam mais claras e bem agrupadas. Da análise dos dois últimos gráficos, fica explicito também o local de onde cada um se expressa e a ótica de cada um ao desenvolver o seu discurso. Temos que considerar o fato de as respostas individuais terem sido dadas "para" o Fundo Vale e este fato em si cria um direcionamento para o discurso, já os sites tem em suas linhas o seu estatuto/contrato social e o apelo comercial.



Os gráficos representam o agrupamento das respostas em clusters, definidos não pela convergência de significado, mas pela proximidade com que foram mencionados nas respostas.

2.3 CONCLUSÕES

A comparação dos discursos evidencia, em primeira análise, dois cenários distintos de atuação. A partir das divergências e convergências exibidas no gráfico anterior é possível estabelecer um background para a análise de redes e levantar questionamentos a respeito da atuação dos diversos atores dentro do contexto específico da Pan-Amazônia, além de fornecer informações importantes para as causas e consequências da topologia desta rede. Mais explicitamente podemos ressaltar alguns pontos que merecem atenção:

1. **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**
A categoria "desenvolvimento sustentável" aparece de forma marcante nas respostas dos indivíduos. Em contraparte, as demais categorias se equilibram em grupos bem menores e numa curva em queda acentuada. Isto sugere uma generalização do termo.

2. **PESQUISA**
A categoria "pesquisa" assume posição de destaque na ótica das instituições e a curva de ocorrência das demais categorias seguem em equilíbrio e é bem menos acentuada. Vemos aqui campos bem definidos de observação e ação.

3. **EMPODERAMENTO SOCIAL**
A diferença existente na categoria "empoderamento social" nos dá pistas para entender a motivação dos indivíduos. Aprofundar este entendimento traria à tona meios pelos quais os recursos podem ser melhor direcionados.

4. **AÇÕES DE EMPREENDEDORISMO NOVAS CADEIAS PRODUTIVAS**
"Ações de empreendedorismo" se destaca no contexto institucional e "Novas cadeias produtivas" nas respostas dos indivíduos. Este se apresenta como um outro ponto que vale a pena ser estudado.

5. **DISTRIBUIÇÃO**
Como observado nos dois primeiros tópicos, no contexto da análise dos sites institucionais, temos uma distribuição mais homogênea entre as categorias e o contexto de pesquisa é proeminente, revelando uma natureza de atuação que busca um melhor entendimento do cenário Pan-Amazônia.

FUNDO VALE
integração > transformação > desenvolvimento

Cartografia da Pan-Amazônia

Estudo do Potencial de Sinergia e de Colaboração no Bioma

3 TENDÊNCIAS

Dentre os dados coletados e analisados tanto através do questionário como das entrevistas de aprofundamento de resultados, alguns pontos foram apontados como tendências pelos participantes. Destacamos aqui aqueles que apareceram com maior relevância.

EMPREENDEDORISMO DE BASE FLORESTAL
Com a valorização da marca Amazônia no mundo e no Brasil, cada vez mais a pressão sobre cultivos exógenos ao bioma, como a pecuária e a monocultura, darão lugar à cultura de produtos locais extraídos pelo manejo, os quais contribuem com a manutenção da floresta em pé. Cultivos tradicionais esquecidos como o Cacau Amazônico tendem a recuperar força e ganhar expressão.

VISÃO INTEGRADA
Cada vez mais governantes e cidadãos atentarão para o fato de que o bioma amazônico não deve ser fragmentado a partir de fronteiras geopolíticas. Nesse sentido, será cada vez mais comum, a começar por iniciativa da sociedade civil organizada, ações fomentadas a partir da cooperação entre paises não restritos à zona. Essa visão integrada tende também a gerar o entendimento de que questões rurais, urbanas e áreas de conservação devem ser tratadas de forma interdependente.

CONVERGÊNCIA DE AÇÕES
A complexidade do bioma e sua extensão tendem a despertar organizações de todos os setores para a necessidade de atuação colaborativa, com a percepção de que só a união de esforços será capaz de lidar com os problemas vigentes. Essa percepção também afetará o modelo de desenvolvimento. Cadeias produtivas devem se integrar de forma interdependente, formando ecossistemas de negócios.

FORTALECIMENTO DO CAPITAL SOCIAL
Será cada vez mais evidente, aos olhos do Brasil e do mundo, a necessidade de investimento em educação e infraestrutura em toda a zona. O aumento do nível educacional e o acesso à tecnologia tendem a aumentar a mobilização das pessoas, a participação cidadã e, via de consequência, o fortalecimento do capital social. A valorização da cultura local e do conhecimento tradicional serão definitivos para a manutenção da diversidade cultural.

ECONOMIA DA BIODIVERSIDADE
O maior entendimento sobre o bioma fortalecerá cada vez mais a abordagem espacial e a percepção sobre a importância da biodiversidade, possibilitando o desenvolvimento de paisagens produtivas sustentáveis.

Foto: Thomas Bauer/Flickr.com